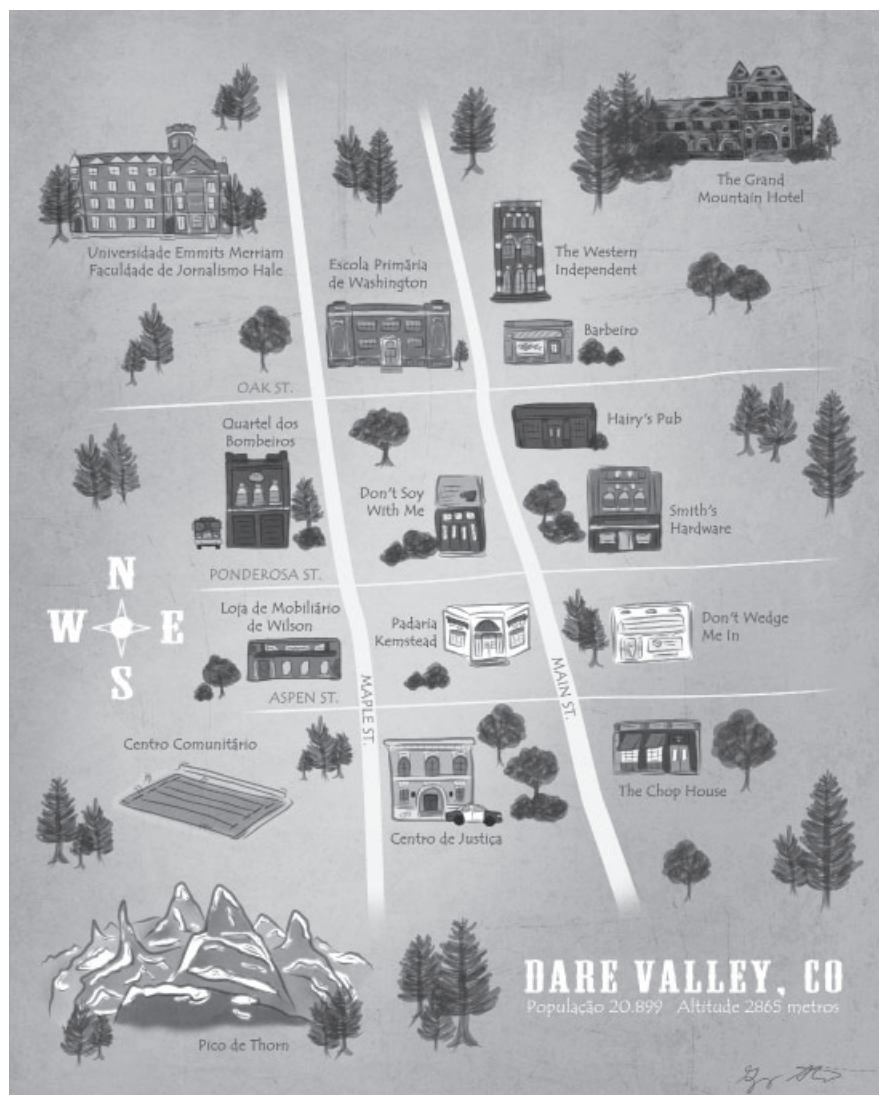


a receita do amor

ava miles

Tradução de Carla Capêlo

Para a minha avó, Lanone Miles Bosn, que me ensinou a contar histórias, ao narrar os relatos divertidos da quinta da família que me faziam adormecer tranquilamente, quando era criança. Também me ensinou a cozinhar, pelo que tudo o que está relacionado com comida neste livro tem as suas origens nos verões que passei com ela, embora me tenha dito, mais tarde, que sempre levei um pouco mais longe a cozinha. Tenho saudades tuas, mas sei que estás sempre comigo. Reitero, igualmente, os meus agradecimentos à divinal comitiva que me acompanha e cujo apoio e amor tornam a vida bela e mágica.



Agradecimentos



Há sempre tantas pessoas a apoiar-nos na concretização dos nossos sonhos. Eis as que me apoiaram:

Os anjos da Terra da Equipa Ava, incluindo os meus ajudantes publicitários, Joan Schulhafer, Debby Tobias e Alissa Di Giacomo da Joan Shulhafer Publishing and Media Consulting; Elizabeth Bemis e Sienna Condy da Bemis Promotions que me ajudaram no meu *website*; a minha maravilhosa editora, Angela Polidoro; o Killion Group, pelo *design* da capa; a minha revisora, Helen Hester-Ossa; Gregory Stewart pelas minhas fotografias publicitárias, o incrível mapa de Dare Valley, e sempre disposto a ajudar quando surgia algum imprevisto; assim como Janet Geary por ser a minha consultora de pesquisa em todos os assuntos relacionados com o cumprimento da lei.

A minha agente anterior, Jennifer Schober, e os seus comentários iniciais sobre este manuscrito.

Christi Barth e o seu apoio enviado do Céu à minha jornada pela escrita, por ter abraçado este livro e me ter dado um maravilhoso *feedback* que o tornou ainda mais brilhante.

O meu antigo chefe de cozinha e todos os meus outros colegas que, na parte de trás da casa, me ensinaram que as claras de ovo podiam ser congeladas e a fazer um tiramisu tradicional, além de um milhão de outras coisas.

A minha família, cujo amor, boa disposição e apoio significam tudo para mim.

A minha chama gémea. Por razões infinitas.

Todos vocês que estão a ler este livro. Vocês são as joias preciosas da minha vida.

Por fim, apenas uma nota para dizer que brinquei com o tempo, em relação aos aspetos do conselho municipal nesta história, para fazer com que tudo se encaixasse. Como podemos não adorar a ficção? Desfrute da leitura.

Prólogo



Jill Hale examinava os tabuleiros de biscoitos salpicados com pedaços de massa dos famosos biscoitos de chocolate moca da sua mãe. Os amontoados de massa já estariam, por esta altura, a aumentar de volume no forno se a mãe tivesse anotado a temperatura de cozedura na receita. Jill esperava que a mãe voltasse cedo para casa, regressada das compras para a festa de finalistas de liceu de Jill. Tinham cerca de seis horas antes de a família e amigos chegarem a casa.

A última coisa que Jill tinha em mente era dar uma festa foleira. A canção *It's my party* parecia apropriada, uma vez que só lhe apetecia chorar. Cedeu à tentação e tirou um dos amontoados de massa de um tabuleiro de biscoitos.

A porta da garagem que dava acesso à cozinha abriu-se. Finalmente! — Mãe, com que raio de temperatura cozo estes? Não está na receita.

— Cento e noventa graus — respondeu a voz de um jovem, uma voz que ela tinha esperado, desesperadamente, nunca mais voltar a ouvir.

O seu amigo de infância e o amor da sua vida, Brian McConnell, estava ao fundo da cozinha, com ombros arqueados. A camisola azul-marinho destacava o azul dos seus olhos. Enfiou uma mão no bolso das bermudas, fazendo tilintar as chaves. Claro que *ele* sabia a temperatura; *ele* estava prestes a partir, dentro de alguns dias, para uma formação de chefe de cozinha, no Instituto de Culinária da América, em Nova Iorque, raios o partissem.

— Não tens o direito de voltar a entrar aqui — respondeu ela, deixando cair o resto da bola de biscoito no lava-louça e limpando os dedos a um pano

de xadrez amarelo. Ao mesmo tempo que rezava para não chorar, virou-se para o encarar.

— Jill, eu venho a esta casa desde o dia em que consegui girar uma maçaneta. Não estabeleças novas regras só porque tivemos uma discussão. Precisamos de falar.

Ela atirou o pano da louça para o lado e caminhou ao longo da cozinha. — Uma discussão? Isso é dizer pouco. O que temos aqui é pura traição. O tipo de coisa que arruína amizades.

Ele franziu o sobrolho. — Não digas isso. Olha, desculpa não te ter dito que ia para o Instituto de Culinária em vez da Cook Street, em Denver. Não sabia como o fazer.

Que mentira descarada. As mãos dela apertaram a bancada de granito da ilha da cozinha. — Tu sempre foste capaz de me dizer tudo. Daí sermos os melhores amigos. Decidi ir para a Universidade de Denver para podermos estar juntos. Achava... — A primeira lágrima rolou-lhe pela face. Limpou-a com a palma da mão.

— Merda, não chores. Olha, eu sei que é difícil, mas eu preciso de fazer isto. — Ele caminhou em frente e alcançou-a.

Ela empurrou-o. — Não. Não te atrevas a tocar-me. Deixaste claro que também não querias isso. — As maçãs do rosto ficaram quentes e com manchas vermelhas horríveis. Nunca iria ultrapassar a humilhação da sua rejeição.

Ele apertou a cana do nariz. — Jill, eu sei que estás chateada por eu não estar contigo, mas...

Era inacreditável que ainda tentasse justificar a sua atitude. — Mas o quê, Romeu? Querias alguém mais experiente? Foi por isso que me deste com os pés e engataste a Kelly Kimple? — O rugido dentro da sua cabeça estava a atingir níveis épicos, por isso, mordeu o lábio.

A garganta dele mexeu-se quando engoliu. — Raios, eu sabia que estava de partida. Jill...

— Mas eu não sabia. — Bateu com a mão na bancada de granito escuro, ficando com a palma da mão a doer devido ao contacto. — Então *porque* é que me convidaste para sair? Era o que eu queria há anos, mas tu sempre te retraíste. Beijaste-me como se não houvesse amanhã e depois deste-me com os pés quando disse que queria estar contigo. És um brincalhão.

Crispou os lábios. — Não te convidei para sair antes porque não queria arruinar a nossa amizade se as coisas não resultassem entre nós e não queria perder a tua família, que é mais importante para mim do que a minha própria família. Raios, tu sabes disso.

Ela fitou a parede azul-bebé, por cima do ombro dele, sem querer que o fluxo de compaixão que estava a sentir enfraquecesse a sua determinação.

— Mas quando soube que estava prestes a deixar Dare, não consegui continuar a lutar contra o que sentia por ti. Não queria partir sem sair contigo a sério. Foi um erro. Fui egoísta e estou arrependido. Não sabia que ias querer que eu fosse o teu primeiro homem a seguir a um encontro. Cristo! Assustei-me, está bem? Quase conseguia ouvir o teu pai a dizer-me que me ia dar uma surra. Jill, tu atiras-te sempre de cabeça para o abismo. Sei que te magoei. Por favor, diz-me como melhorar as coisas.

Os punhos cerraram-se aos lados enquanto as ondas de choque da rejeição dele a percorriam novamente. — Não podes!

— A Kelly não foi nada. Não significou absolutamente na-da. — Pronunciou cada sílaba como se isso pudesse mudar as coisas.

Ela tapou os ouvidos com as mãos. — Não quero ouvir isto. — Kelly era uma chefe de claque alegre, loura, pequenina, enquanto Jill era ruiva, alta e, *por isso*, não propriamente pequenina nos seus sapatos de tamanho 42. Ele tinha escolhido a rapariga mais bonita. E ela teria de viver com aquela machadada na sua autoestima para o resto da vida.

Brian agarrou-lhe as mãos e puxou-as contra o seu peito. — Tu *vais* ouvir-me. Raios, não vou deixar Dare desta maneira. Nós vamos ultrapassar isto juntos.

A sua força já era maior do que a dela quando eram finalistas. Ela não conseguia libertar as mãos, por isso, deu-lhe um pontapé na canela.

— Ai — gritou ele, recuando e a saltar apoiado na perna boa. — Cristo! Para com isso.

Limpando as lágrimas, ela lançou-se para a porta que dava acesso à garagem e abriu-a de rompante. Foi tal a força com que esta bateu na parede que deixou uma marca na tinta branca. — Se, ao menos, tivesses feito só uma coisa errada, talvez nós pudéssemos ultrapassar isto, mas a omissão do Instituto de Culinária foi demasiado. Bri, tu disseste-me tudo, desde que aprendemos a falar. Isto tu não mencionaste. Nem uma única vez. E é algo que também me afeta.

A mão dele massajava a canela. Endireitou-se e fixou-a nos olhos. — Não te disse sempre tudo, bolas.

Ela recuperou o fôlego. Certo. As outras raparigas... as que não eram só amigas. Nunca tinham discutido *isso*.

— Eu não sabia se ia conseguir entrar no Instituto de Culinária, mas tinha de tentar — continuou ele. — É o meu sonho tornado realidade. Quando

descobri, não sabia como te contar. Eu sabia que tinhas o cenário de Denver todo planeado nesse teu cérebro teimoso.

— Teimoso? Poupa-me!

Ele caminhou até ela. — Tu és teimosa. Quando estás assim, não dá para falar contigo. Desculpa se te magoei. Tudo isto está a despedaçar-me. Estou a deixar para trás tudo o que conheço, todos os meus amigos... e a ti. Não quero perder-te, Jill. Não sei como passar um dia sem falar contigo.

O lábio dela tremeu. Ver a angústia dele magoava-a, mas não podia ceder. Não iria ceder. — Vais ter de arranjar uma maneira. Não posso confiar mais em ti e isso é o pior de tudo.

Ele agarrou-a, puxando-a para si, e abraçou-a; a figura mais alta dele fazendo-a sentir-se menos gigante do que se sentira na época anterior a o crescimento dele ter dado um salto. — Não digas isso. Podemos resolver as coisas, antes de eu me ir embora. Não vou perder-te, Jill.

O cheiro dele — uma mistura de *aftershave* de cedro e sal — fez-lhe cócegas no nariz. Abafou o choro no seu peito enquanto as mãos dele lhe esfregavam as costas.

— Não chores, Jillie, por favor, não chores. Vamos voltar ao normal.

A sua voz sincera e dolorida partiu-lhe o coração, reduzindo-o a pedacinhos sem conserto. Ela afastou-se e os seus olhos cruzaram-se. — Brian, tu não compreendes. Acabou. Vai para o Instituto de Culinária. Tem uma boa vida. Mas isto termina aqui.

Os olhos dele semicerraram-se num olhar indicador de determinação. — Não, não termina. Eu ligo-te.

— Não vou atender — respondeu ela, defendendo-se. Como podia continuar a ser sua amiga depois de tudo o que tinha acontecido, em particular, quando tinha achado que o encontro deles conduziria ao que sempre tinha querido — *apaixonarem-se*, casarem, criarem os filhos em Dare? Ele podia fazer de conta que não sabia o quanto ela o levava a sério, mas ele sabia. Ela nunca tinha conseguido esconder fosse o que fosse dele.

Ficou contristado. — Jill, nós sempre fizemos as pazes.

Ela acabou de limpar as lágrimas e endireitou-se totalmente, indo buscar a sua força interior para fazer o que tinha de ser feito. — Não te quero na minha festa. Estou a falar a sério, Brian. Está tudo acabado entre nós.

Ficou boquiaberto. — Mas, os nossos amigos. Os teus pais. É a última vez que os Quatro Mosqueteiros estarão juntos em meses, talvez anos. O que dirão a Jemma e o Pete?

— Eles já sabem o que sinto. — Os seus melhores amigos eram

namorados de liceu, tal como ela sempre quis ser de Brian, mas ele nunca tinha tomado a iniciativa. Toda a compaixão se evaporara. — É melhor assim.

Ele baixou a cabeça. Pontapeou o linóleo, em silêncio durante um longo momento. — Está bem, Ruiva, agora vou honrar os teus desejos, mas vou ligar-te quando estiver na nova morada. Vou dar-te algum tempo para te acalmares.

Um inverno no Alasca não a faria mudar de ideias.

Ele enfiou a mão no bolso. — Acabei de comprar isto na ourivesaria Old Man Jenkins, por isso não está embrulhado, mas aqui tens o teu presente.

Ela ficou a olhar para a pequena caixa preta. Entorpecida, estendeu a mão para pegar nela.

Ele avançou na sua direção e beijou-a na testa, antes que ela pudesse esquivar-se. — Não fiques zangada. — E, com essa ordem de despedida, fechou a porta atrás de si.

Jill abriu a caixa. Um colar em forma de coração cintilava perante os seus olhos. O seu dedo virou a figura, à procura de respostas. As letras gravadas fizeram os joelhos dela ceder. *J&B, BFFs*. Deixou-se cair no chão, segurando-o junto ao peito.

Capítulo 1



Oito anos mais tarde

O coração de Jill Hale começou a bater mais depressa quando o SUV prateado de Brian McConnell virou para a Estrada 44, mais adiante do veículo no qual ela se deslocava — o mais recente carro de bombeiros vermelho de Dare Valley. O chefe dos bombeiros Ernie costumava dar-lhe boleia e à irmã Meredith, quando eram crianças, e tinha sugerido dar-lhe boleia naquele dia, para a animar. A sua criança interior adorou a oportunidade.

Os olhos dela seguiam o espelho retrovisor de Brian, na esperança de o ver de relance. Apenas conseguiu relancear uma parte do seu queixo forte e sorriso fácil. Deu um suspiro alto.

Jill amava Brian desde criança, mas não lhe falava há oito anos, até ele ter regressado à cidade no verão anterior. O desentendimento de ambos tinha deixado feridas que se fecharam sem cicatrizarem totalmente. Agora estava perdoado. Praticamente. O falecimento de Jemma, a amiga de infância de ambos, tinha-os juntado, dando início a uma ténue reconciliação.

Andavam a sair bastante — cinema, pizzaria, esqui no vale. Era tudo muito divertido... e muito platónico. Ela tentava lidar com o assunto de forma descontraída, mas a espera estava a enlouquecê-la. Brian *tinha* de agir depois de tudo o que acontecera entre eles.

— Terra chama Jill. — A irmã chamava-a, a sua voz elevando-se ao ruído do motor. A aliança de casamento de Meredith Hale brilhava ao agitar a mão à frente da cara de Jill. — Oh, pá, estás mesmo apanhada. Entras em Modo *Zombie* sempre que o vês. Ou o carro dele.

Agarrada ao varão de metal enquanto o carro de bombeiros acelerava e passava um semáforo, Jill disse: — Não consigo evitar! O Brian regressou há meses e, finalmente, decidi que havia de ser meu. Ua ah ah.

— Não faças o riso assustador — implorou Meredith, em tom de brincadeira, sacudindo o cabelo ruivo ao abanar a cabeça.

Jill não sabia aonde Brian ia, mas esperava que estivesse a dirigir-se ao café para estar com ela. Quando ele virou para a rua que levava ao centro de Dare, sorriu para dentro — dirigia-se ao Don't Soy With Me. — Ei, Ernie, podes virar para sul na Dare Avenue?

O velho chefe de bombeiros, cujo uniforme lembrava uma vespa amarela, relanceou por cima do ombro e sorriu. — Claro que sim, minha querida. Afinal de contas, este passeio é para animar a minha menina preferida.

O coração dela contraiu-se. Toda a cidade tinha tentado ajudá-la a ultrapassar a morte repentina de Jemma. Na maioria das vezes, era reconfortante, mas outras vezes apenas lhe lembrava tudo o que tinha perdido — as brincadeiras das duas, ao longo do dia, enquanto trabalhavam no café, as saídas à noite só para mulheres, no bar irlandês, Hairy's Pub, um ombro amigo sempre que precisava.

Brian percorria a rua com o carro de bombeiros no seu encalço. Talvez não fosse esta a intenção de Ernie quando lhe oferecera boleia, mas toda esta perseguição de carro *estava* a levantar-lhe o ânimo. Há uma semana que não via Brian e sentia-se um pouco carente pela sua companhia.

Continuaram a seguir o SUV prateado. Ela encostava-se a cada curva, com os seus caracóis aos cachos ruivos a roçarem-lhe as bochechas coradas. Ernie girou o volante maciço para seguir Brian até à Main Street, sem lho pedirem. Sim, ele sabia. Bolas, toda a gente da cidade sabia sobre eles.

— Posso ligar a sirene quando passarmos pelo jornal? — perguntou Jill, a dançar nas suas botas de inverno. O carro dos bombeiros brilhou na montra da frente do Cut and Curl, como os sapatos vermelho-rubi de Dorothy, quando passaram.

Meredith levantou uma sobrancelha. — Estamos na Main Street, sem nenhum fogo à vista. É contra as regras.

— Eu *gosto* de quebrar as regras. — Fez beicinho. A sua irmã mais velha conseguia ser uma desmancha-prazeres. Porque não um pouco de diversão?

Ernie deu uma gargalhada. — Está bem, mas só porque o teu avô fez *bluff* e me ganhou cinquenta dólares no póquer, ontem à noite.

Jill pousou a mão perto do botão à medida que se aproximavam da sede do jornal de família.

Colocando as mãos a tapar os ouvidos, a irmã disse: — Como colaboradora atual do *The Western Independent*, devo lembrar-te de que vais ter, pelo menos, quatro repórteres — o meu marido e o nosso avô incluídos — a saírem a correr pela porta da frente como formigas para verem a que se deve tanta agitação.

Jill premiu o botão, desencadeando a chiadeira circular, ensurdecadora da sirene. — Eu sei. Não é o máximo?

A irmã deitou-lhe a língua de fora. Ela retribuiu com uma buzina, perfurando o ar com um som rouco.

Brian estacionou o carro na Main Street, à frente de uma série de lojas pintadas com cores alegres. O coração dela começou a bater mais depressa. Ele *tinha ido vê-la!*

— Ernie, podes dar a volta às traseiras? Preciso de fazer uma coisa no Don't Soy With Me.

— Claro que sim, miúda.

Ela abaixou-se ao passarem pelo carro de Brian, enrolando a sua figura alta.

A irmã agachou-se ao seu lado. — Só estou a esconder-me contigo porque te amo. Toda a gente, e sublinho *toda*, vai saber que hoje andámos no carro de bombeiros, uma vez que rebentaste com o *The Independent*.

Uma máscara de bombeiros preta caiu-lhe na cabeça quando ela balançou. — Merda. Tens razão. Nem sempre penso bem nas coisas.

— Bem podes dizê-lo. É como se o teu *chip* da espontaneidade encravasse, ignorando toda a lógica.

Seja como for, o que é que a lógica tinha de tão especial? — Eu não *tinha* de te trazer comigo, no meu passeio.

— Meninas, meninas, — gritou Ernie, fazendo-a sorrir. Quantas vezes lhes teria dito isso quando eram crianças?

Os travões chiaram quando parou. Girou no assento. — Se calhar devo estar grato por o Brian não ter seguido o caminho de Denver. Não tenho combustível suficiente para a viagem de duas horas.

Jill inclinou-se para a frente e beijou-lhe a bochecha com barba. — Meu velho sabidola. Tu sabes que o farias por mim.

Ele levantou a mão, num gesto de concordância. — Sempre fizeste de mim o que querias, desde que eras criança e usavas aqueles totós ruivos como a Pipi das Meias Altas. — Apontou para Meredith. — Tu também, senhorita. Agora toca a sair do meu carro de bombeiros. — O rádio deu sinal. — Estão a começar a chegar chamadas sobre a sirene. Mal posso esperar

para falar com o vosso avô. Espero que tenha ficado suficientemente irritado e tenha tomado *Maalox*.

As irmãs saltaram para fora do carro de bombeiros, quase acertando numa poça de neve derretida. — Obrigada, Ernie! — disseram em uníssono.

A grossa cicatriz de uma queimadura, à volta da sua boca, mudava quando sorria. — Oh, toca a arrepiar caminho.

Meredith agarrou a mão de Jill e — num acordo silencioso — correram juntas para as traseiras do estabelecimento. — Sabes que perdeste o juízo, certo?

— Eu não estava no meu juízo perfeito, seja como for.

Apressaram-se a entrar pela porta das traseiras e a percorrer o corredor, a seguir ao escritório de Jill, detendo-se ao chegarem à parte principal do estabelecimento. A *Don't Soy With Me* tinha excedido todas as expectativas — as suas, as da sua família e as da cidade. Embora Hale fosse um nome de vulto no mundo jornalístico, já tinha passado algum tempo desde que um Hale tivera sucesso noutra coisa que não fosse papel e tinta. Acrescente-se que o estabelecimento evidenciava à risca o estilo único de Jill. O esquema de cores arrojadadas de vermelho-vivo — tão apropriado depois deste dia — e amarelo-sol era uma revelação, assim como as paredes repletas de pinturas de artistas locais, na sua maioria modernas, com toques de cores primárias fortes.

Havia uma grande variedade de clientes: os estudantes da universidade local estudavam aqui enquanto os seus professores avaliavam trabalhos; os habitantes locais falavam sobre o tempo; e os pedidos dos transplantados da Califórnia eram *latte* de soja e *croissants* com recheio de tofu.

Ela tinha descoberto uma maneira de atrair toda a gente, transformando o *Don't Soy With Me* em algo mais do que um mero café. Era o lugar de reunião local. Tinha alargado a ementa a sanduíches, *pizzas* e refeições ligeiras, sendo a comida e bebidas agora servidas entre as seis horas da manhã e a meia-noite. Nada mal para um negócio que tinha começado como projeto escolar.

— Recompõe-te e para de ofegar — disse ela à irmã, alisando o cabelo.

— Ofegar? Eu nado seis quilómetros...

— Blá, blá, blá, blá — interrompeu ela. — Margie, por favor, as nossas bebidas favoritas — pediu à barista, uma das regalias de ser a patroa, e precipitaram-se para uma mesa que tinha ficado vaga, perto da montra da frente. Jill perscrutou a rua com olhos de lince, avistando de imediato o casaco *Spyder* verde de Brian. Estava a afastar-se delas. *Raios!* Tinha interrompido a viagem num carro de bombeiros para ficar sentada como uma flor de estufa no seu próprio café.

— Tens razão. Sou patética.

Os seus olhos pérfidos não conseguiam deixar de o seguir em direção à farmácia. Embora ele estivesse a usar um casaco, a mente dela evocava a imagem daqueles músculos bem definidos das costas. Daqueles ombros largos. Da maneira como preenchia uma *t-shirt* no ginásio, todo suado e definido. Era um rapaz bonito no liceu, mas oito anos na cidade de Nova Iorque só tinham aperfeiçoado a sua aparência. Tinha toda aquela coisa da sofisticação casual que agora o beneficiava, e era homem por inteiro.

— Fazes sequer ideia de aonde isto te leva? — perguntou Meredith, com uma tónica de irmã mais velha na voz, enquanto Margie preparava as bebidas.

Brian virou-se para cumprimentar uma senhora de idade na rua, os lábios na forma de arco desenhando um sorriso quando se riu de algo que ela lhe tinha dito. Caminhava tranquilo, o que sugeria que não tinha pressa. Não, ele nunca tinha pressa, nem com ela nem com outras pessoas.

— Ei! — Meredith bateu-lhe levemente. — Ouviste-me?

— Sim! Bom, seja como for, sei aonde quero que isto vá. Nós juntos. Finalmente! — Ela tinha decidido que ele era O Tal, no segundo ano, após ter dado um soco ao Timmy Caren por lhe ter chamado cenourinha e lhe ter puxado o rabo de cavalo. Tinha feito desenhos com lápis de cor que representavam os dois de mãos dadas e todos os seus cadernos haviam sido rabiscados com *Jill McConnell* numa letra cursiva hesitante.

Tinha estado à espera de que ele agisse. E continuava à espera.

Na história da arte de fazer a corte, duas tartarugas ter-se-iam juntado mais depressa.

Depois, ele mudara as regras e tudo tinha ido para o inferno. Antes de partir para o Instituto de Culinária da América, prometera ligar até ela ceder, mas, ao fim de seis meses, acabara por desistir. Até regressar à cidade, era esse o estado das coisas.

Meredith colocou, cuidadosamente, o guardanapo no colo. — Achas que ele está a planear ficar? Pode ser difícil deixar Nova Iorque. Dare não é propriamente uma localidade gastronómica em voga.

Ela mordeu o lábio. — Eu sei. É por isso que tenho tentado persuadi-lo a abrir um restaurante comigo. Ele confecionava a comida. Eu tratava da parte comercial. Preciso de um novo projeto, agora que o *Don't Soy With Me* é um enorme sucesso, e será uma excelente maneira de me reaproximar dele. Além disso, encaixa no meu plano de vir a ser uma grande mulher de negócios.

— Dá tempo ao tempo. — Meredith abraçou-a. — Eu sei que queres que isto resulte, mas já pensaste em pôr a ideia do restaurante de parte? Caso as coisas não resultem...

— Vai estragar tudo. — Puxou um caracol ruivo.

— Jill, a sério, porque é que não dás um tempo à vossa relação para a deixares evoluir, antes de avançares com isso?

Revirar os olhos parecia-lhe adequado. — Meredith, a sério — imitou ela —, porque é que não deixas de ser desmancha-prazeres?

— Tu sabes muito bem o que quero dizer. Simplesmente, não me parece ser uma atitude inteligente.

— Pois a mim, parece — disse ela, de queixo erguido, dizendo a si própria que ia correr tudo bem.

— Promete-me que vais ser razoável.

— Desde quando é que alguma vez fui razoável? Desiste, Mere.

A irmã levantou os braços num gesto de rendição. — Está bem, está bem, mas vai com calma.

Irmãs mais velhas. — Eu só tenho tentado convencer o Brian a alinhar nisto. Ainda nem sequer elaborei um plano nem pedi um empréstimo. Céus.

— Apenas estou a tentar dizer-te, gentilmente, que passaste por um mau bocado aquando do falecimento da Jemma. Bolas, todos nós passámos.

— Para ti é fácil falar. Conseguiste realizar todos os teus projetos.

Meredith e Tanner tinham casado recentemente, na véspera de Ano Novo, após um atribulado período de Tanner a fazer a corte a Meredith, e estavam a morar no seu *Mundo de Nora Roberts* — tal como nos romances prediletos das irmãs.

— Não te preocupes, Jill. Tu também conseguirás realizar os teus.

— Sinto falta da Jemma, Mere.

— Eu sei. Foi tão querido da parte do Ernie, tentar animar-te daquela forma. — Aproximou mais a cadeira e inclinou-se para ela. — Ainda costumavas ir visitar a sepultura?

Jill endireitou-se. — Sei que não te agrada, mas eu preciso de falar com ela. Era a minha melhor amiga!

— A família está preocupada — disse a irmã com um suspiro.

— Deixarei de ir quando chegar a altura. — Se, ao menos, ela conseguisse desligar a dor como quem desliga a luz do terraço. — O facto de estar a sair bastante com o Brian tem-me ajudado. — Era uma constatação, mesmo não estando a ser tão intenso quanto gostaria.

— Ainda não entendi por que motivo ele regressou a Dare Valley. — Meredith lambeu a espuma do seu moca de chocolate.

— Nem eu — respondeu Jill. Brian não tinha dito grande coisa sobre o tempo passado em Nova Iorque ou por que motivo regressara à cidade. De certa forma, era uma situação misteriosa e um pouco *sexy*, mas, noutro aspeto, fazia com que se apercebesse de que já não eram os melhores amigos que terminavam as frases um do outro.

Ele saiu da farmácia com um pequeno saco na mão. Será que tinha comprado creme de barbear para, lentamente, rapar a barba que tinha crescido durante o dia, escurecendo-lhe a face? Esperava que não.

Como se tivesse sentido a especulação dela, ele olhou diretamente para a janela, depois levantou a mão e acenou. Ótimo. Ela tinha-se tornado uma perseguidora. Primeiro, o carro de bombeiros e, agora, isto. O filme podia ser exibido na *Lifetime*. Ela acenou em resposta como se dissesse adeus, sem estar a vê-lo como uma miúda perdida de amores. Ele entrou noutra loja. A careta dela quase lhe rachava o lábio, pelo que tirou o *gloss* de lábios de pastilha elástica, da sua carteira com padrão tigrado.

O murro no seu braço interrompeu-lhe a especulação.

— Ei!

— Estás na Terra do Desejo, irmãzinha.

— Dito como uma mulher casada e feliz.

— Sim, mas eu lembro-me de me sentir excitada antes de estar com o Tanner e de manter a compostura. Contigo acontece exatamente o mesmo, com a diferença de conheceres o Brian desde sempre.

— Eu sei. Faz com que pareça... esquisito, às vezes.

— Tu vais chegar lá. Toda a fase de se ficarem a conhecer foi abreviada pelo facto de terem crescido juntos. Apenas precisas de te atualizar em relação a todos os anos em que ele esteve ausente.

— Às vezes, ele parece-me tão familiar — disse Jill. — Ao passo que, outras vezes... Bem, é como se houvesse umas novas camadas de prudência, silêncio e... confusão. — Era como se ele nem sempre soubesse o que dizer ou como agir perto dela.

Claro, o raio do desejo que os invadia poderia ter algo a ver com isso. Ela sabia que ele se sentia atraído por ela e ele sabia muito bem como ela se sentia. E, no entanto, não tinham tocado um no outro, recentemente. Está bem, exceto há umas semanas, quando ela escorregara no gelo quando se dirigiam para o cinema. E essa situação *específica* não contava.

A campanha que assinalava a entrada de alguém deu sinal. Ela virou a

cabeça. Brian entrou no café — todo despenteado e em desalinho como se tivesse acabado de sair da cama. O seu cabelo cor de melaço encaracolava na base do pescoço e os seus olhos azuis nunca deixavam de ser impressionantes.

— Olá! — Ele enfiou as mãos nas calças de ganga, atraindo o olhar dela.

— Olá também para ti — respondeu ela, tentando não suspirar como uma *groupie* qualquer ao reparar na sua protuberância. Ela era uma Observadora de Protuberâncias. A sua mãe ficaria orgulhosa.

— Olá, Brian. — Meredith levantou-se e deu-lhe um abraço rápido.

— Já sabem onde era o fogo?

Jill mordeu o lábio. — Não.

— Eles têm uma data de falsos alarmes — disse Meredith. — Gatos em árvores. Imbecis que...

— Tenho a certeza que ele não está interessado nas estatísticas dos bombeiros, Mere.

Os lábios dele desenharam uma curva, produzindo uma onda de desejo no abdómen dela.

— A Jill e eu estávamos mesmo agora a falar em ti, Brian. Nunca nos disseste por que motivo te vieste embora de Nova Iorque. A cidade é um portento de sabores. Deves ter saudades.

Os músculos à volta da boca dele contraíram-se. Embora Jill quisesse saber — na realidade, estava mortinha por saber —, a irmã estava a ser mazinha ao encurralá-lo.

— Deixa-o em paz, Mere. Os homens não fazem alarde da história da sua vida.

Ou só o fazem em presença da mulher da sua vida. Definitivamente, Brian tinha uma história. Algo como: *Conheci alguém em Nova Iorque, mas não resultou, ou era inverno e vi um sem-abrigo morto num beco e isso mudou-me.*

Meredith fitou-a. — Prerrogativa de jornalista. Muito bem, tenho de voltar ao trabalho. Vou tentar saber sobre esse fogo. — Deu um beijo a Jill e saiu.

Sem a presença de Meredith para desviar a atenção, Jill sentia os ossos a dissolverem-se, transformando-se em papel de seda. Deslizar para fora da cadeira seria ridículo, mas de repente percebia a razão da existência daqueles sofás reclinados vitorianos.

— *Então* — disse Brian, falando lentamente. Desviou os olhos azuis por um momento, o que lhe permitiu a ela respirar fundo. — O negócio está a correr bem.

Quando o seu olhar regressou, o ritmo acelerado do coração dela voltou a aumentar. — Sim. Ah, queres que prepare a tua bebida favorita?

Jill sabia que ela faria praticamente qualquer coisa por este homem. Escalar o Continental Divide com neve. Remendar meias. Credo, ela precisava de ter um sinal. Ou uma vida.

— Não... Lembrei-me de passar aqui para saber se aceitavas jantar comigo logo à noite. Eu cozinho.

A mente dela fez um *flashback*. Tinham passado tempo juntos ao longo dos últimos meses, mas cozinhar... a partir do zero... era novidade.

— Como um encontro a sério? — perguntou ela. Raios, talvez a história da viagem no carro de bombeiros a tenha infundido de uma energia de vida ou morte, mas queria ter a certeza.

— Ah, claro. Se quiseses chamar-lhe isso. — Ele sacudiu os trocos no seu bolso, baixando a cabeça e levantando o ombro como era habitual quando estava nervoso. — Quero cozinhar para ti.

Queria mesmo? O coração dela encheu-se de calor como se estivesse a segurar um cãozinho. — Isso seria fantástico! Adorava. Quer dizer... — Apercebeu-se de que tinha exagerado. — Ótimo, simplesmente, ótimo. — *Cala-te, Jill.*

— Que tal apareceres pelas sete?

— Posso levar alguma coisa?

— Só a ti própria.

E a maneira como o disse fez com que os joelhos, efetivamente, lhe tremessem.

— Ótimo! — Ela suspirou e cerrou os dentes. Se calhar deveria estudar o dicionário para poder aprender a formar frases coerentes.

— Certo. — Ele começou a dirigir-se para a saída. A seguir, avançou à pressa para lhe dar um beijo na cara. — Então, até logo. — Virou-se, esbarrou na mesa e saiu, sem olhar para trás.

Jill endireitou o copo de papel que ele tinha deitado abaixo enquanto lutava contra o impulso de tocar na sua própria face. Os risinhos abafados dos clientes só fizeram alargar mais o seu sorriso apaixonado.

Não era a única a estar fora de si. Brian estava mesmo a agir.

Já não era sem tempo.

Capítulo 2



Brian alargou a passada em direção ao carro. Bolas, o que era feito do seu charme?

Jill estava a deixá-lo nervoso. Ao pé dela, sentia-se novamente um adolescente de liceu. O rapaz quisera-a. O homem desejava-a.

Mas conhecendo-a como a conhecia, seria o abismo ou nada.

Brian precisara de se encontrar novamente. Não quisera apressar as coisas com Jill até saber se poderiam encontrar um equilíbrio entre a amizade e a atração que sentiam um pelo outro, tão quente quanto um maçarico de cozinha. Aterrorizava-o a ideia de estragar tudo com ela. Tê-la perdido há oito anos fora como perder uma parte dele mesmo. Seria inconcebível que voltasse a acontecer.

Puxou o cachecol de lã que tinha à volta do pescoço. Conseguiu sorrir para as pessoas que passavam por ele no passeio. Tinha a sua mente em desordem como uma daquelas pinturas de respingos no café de Jill. Por quanto tempo mais conseguiria continuar com isto? Por quanto tempo mais conseguiria passar tempo com Jill sem lhe dizer os motivos do seu regresso à cidade? Se ela conseguisse aprender a confiar totalmente nele, talvez compreendesse. Mas como poderia ela compreender quando nem ele o conseguira?

Cozinhar para ela parecia ser um gesto bonito para impulsionar a relação para o nível seguinte. Que diabo, ele era um chefe de cozinha e a única pessoa para quem tinha cozinhado, desde que regressara à cidade, tinha sido o amigo Pete que também era o ex de Jemma e o atual alvo de ódio de Jill.

Mudou de percurso e dirigiu-se ao Food Pantry para comprar os

ingredientes. Quando entrou no corredor dos produtos, havia sete mulheres a escolher tudo, desde bananas a cebolas. A velha guarda de mexeriquices não tinha mudado de hábitos. Havia um remoinho de conversas à sua volta.

— Viram a Kerry Jenkins sentada ao lado do Mitch Miller, no jogo de basquetebol, na outra noite? As pessoas estão a começar a falar. Vai dar caldo.

Outro trio falava sobre o carro misterioso na entrada da garagem do vizinho, naquela manhã. — Vocês sabem o que significa — sussurrava uma mulher com um rabo de cavalo impecavelmente apanhado, a sua voz com uma projeção ruidosa.

O seu estômago contraiu-se. Havia coisas em Dare que o faziam sentir-se feliz — uma comunidade muito unida, os espaços exteriores, a familiaridade. Depois havia isto.

Nova Iorque também tinha os seus prós e contras, mas fora lá que ele pudera fazer o que queria, quando queria. O problema é que tinha levado as coisas demasiado longe.

Havia sempre consequências, independentemente do local onde se vivesse.

A pequena prateleira de produtos biológicos atraía-o. Era um contributo positivo, provavelmente, acrescentada para atender às necessidades dos californianos que se tinham mudado para a cidade. Escolheu um abacate e observou as manchas de cor esmeralda.

— Meu Deus, Brian McConnell.

A mão dele fechou-se, automaticamente, ao ouvir a voz estridente.

Vivian Thomilson ainda se vestia toda de preto e tinha um pelo no queixo com cerca de quatro centímetros. — Quase tive de olhar duas vezes ao ver-te a escolher os produtos.

Ele detetou a censura no comentário. Céus, tinha achado que o antigo falatório sobre o facto de cozinhar já não existisse.

Brian forçou um sorriso. — Bem, eu não tenho uma boa mulher como a senhora para me comprar o que preciso, Sra. Thomilson.

Ela riu-se alto, num tom que se destacava, fazendo dançar perigosamente os seus brincos de camafeu com gancho nos seus lóbulos flácidos. — Bem, eu costumava dizer à tua mãe que ela tinha muita sorte por te teres tornado chefe de cozinha. Ficámos preocupadas que fosses homossexual quando começaste a fazer aquelas quiches no liceu.

E continuava a espetar o ferrão. Ser um rapaz adolescente em Dare, que gostava de cozinhar e emprar de forma artística, tinha-o sujeitado a insultos e afins. Menino do Avental. Nancy. Não se tinha esquecido.

Os seus pais tinham sentido vergonha do seu interesse pela cozinha francesa, sobretudo devido ao modo como tinha despoletado os boatos na cidade. A mãe tentara impedi-lo de cozinhar, levando-os a comer fora e deixando de comprar alimentos. O pai, que achava que o lugar dos homens *a sério* não era na cozinha, tinha-o colocado de castigo por ter interesse no assunto. Quando isso deixou de resultar, a luta do pai ganhou contornos mais graves. Censurava Brian dizendo que não era homem, chamando-lhe nomes horríveis, tendo chegado a ameaçá-lo de que lhe batia até ele desistir.

A mãe de Jill salvara o seu sonho da extinção ao deixá-lo cozinhar na casa dos Hale. Enquanto crescia, passava mais tempo lá do que na sua própria casa. Eles eram a família que sempre quisera ter. Quando os seus pais se divorciaram, ao fim de vinte e cinco anos de casamento, tinha ele dezasseis anos, transferiu toda a sua raiva, mágoa e confusão para a comida.

Meredith tinha-lhe perguntado porque regressara. Bem, esse era um dos motivos. Ele ainda tinha algo a provar em Dare.

— Sim, sim — murmurou, com o queixo cerrado. Desejou que ela se fosse embora antes que ele cedesse à tentação de lhe bater com uma beringela.

— A The Chop House é um sítio bom para ti. Nada como um bom bife.

Ele tinha apostado que a The Chop House lhe permitiria alguma liberdade criativa após ele provar o seu valor. Era um processo lento, mas ele tinha persuadido o proprietário a considerar um molho *beurre blanc* para o costeletão, com ótimas críticas. Claro que lhe chamaram molho de manteiga de vinho branco, não querendo usar a designação francesa.

Ele apenas assentia. Não se conversava com a Sra. Thomilson. Apenas se ouvia... ou fingia ouvir o que ela dizia.

— O Tom Kenders diz-nos que estás a ir bem.

Brian ergueu uma sobrancelha. Não lhe agradava que o seu patrão andasse a falar dele, mas não estava propriamente surpreendido com isso.

— Ele disse que aprendeste umas ideias em Nova Iorque, mas, sabes, Dare não é nem quer ser Nova Iorque.

— Dare sempre foi igual a si mesma.

— Exatamente — exclamou ela, o seu sorriso assemelhando-se mais a uma careta. — Bom, muito gosto em ver-te. Diz à tua mãe que lhe mandei cumprimentos. Sentimos a falta dela.

Ele dir-lho-ia quando o Inferno congelasse. Não se falavam. Três meses após o divórcio dos pais, ela tinha-se mudado para Phoenix para casar com um podologista de nariz empinado que tinha conhecido *online*, tendo deixado o filho com um pai que tinha vergonha dele e não se dava ao trabalho

de o compreender. Graças a Deus que já não morava aqui nenhum deles. — Claro que sim.

Quando ela se foi embora, ele rodou os ombros tensos e deixou ficar o abacate. Não estava suficientemente maduro para o jantar. Precisava de outra coisa. Avistou o agrião e pegou numa tangerina brilhante. Podia fazer nozes-pecãs torradas com mel e uísque. O processador faria uma salada exccecional. Ensacou tudo e percorreu os corredores.

Entrar num negócio com Jill iria silenciar qualquer pessoa que alguma vez tivesse sugerido que ele era homossexual ou tolinho por adicionar açafraão à salada de batata da igreja. *Vá bugiar, Sra. Thomilson*. Empurrou o carrinho até ao corredor da carne.

Meredith não era a única a querer saber porque ele tinha voltado. Toda a gente se interrogava. O que nenhum deles sabia era que ele não tinha para onde ir. Fora malsucedido devido a um artifício da sua própria autoria, em Nova Iorque, e agora precisava de reabilitar a sua carreira e refletir.

Depois, voltaria a partir. Iria trabalhar novamente num restaurante com estrelas Michelin. Por favor, meu Deus!

Pelo menos, era esse o plano até Jill ter voltado a entrar em cena. Claro que uma parte dele regressara *por causa* de Jill, mas ele não sabia o quão profundamente ela o afetaria. Ele não sabia que o entusiasmo dela pela vida iria saltar da cartola e agarrá-lo pela garganta.

Fora difícil para ele deixar a rapariga para trás... intocada.

Não tinha pensado que podia tomar a mulher e ser o mesmo.

O telemóvel tocou e o seu coração parou quando viu o número. Por que diabos a Simca lhe estava a ligar, outra vez, ao fim de todo este tempo? Era o terceiro dia consecutivo. Não tinha atendido, embora uma parte dele quisesse saber por que motivo a sua ex-amante estava a tentar entrar em contacto com ele.

Ela e o marido eram proprietários do restaurante onde Brian tinha trabalhado, em Nova Iorque. Ela dissera a Brian que o casamento chegara ao fim e começaram a ter um caso enquanto o marido estava no estrangeiro, a abrir outro restaurante. Logo que este regressou, despediu Brian à frente de todo o pessoal de cozinha. Como se não bastasse, acusou-o de ter roubado receitas de família secretas. O fim do relacionamento tinha deixado Brian com uma data de suposições e porquês, quase tão satisfatórias quanto uma salada após um dia de caminhada.

Não seria esta outra razão pela qual ele não queria precipitar-se para um relacionamento intenso com Jill? Riu-se para dentro. Certo. O que tinham eles que não fosse intenso?

Brian tocou no botão para ignorar e guardou o telemóvel, empurrando o carrinho com força. Não, não tinha mais nada a dizer a Simca. Ele estava aqui. E o passado tinha de ficar no passado.

O seu futuro dependia disso.

Ouvia o chamamento do corredor da carne como uma sereia a sussurrar: *grelhado, tostado, refogado na frigideira*. A voz tentadora desatava os nós no seu estômago. Tantas possibilidades. Permaneceu quieto, deixando a inspiração tomar conta de si, enquanto os carrinhos à sua volta abrandavam para observar.

Ouviu outros murmúrios do passado — de Dare e de Nova Iorque —, mas desligou-se deles.